

Kepler

Três sóis, dois povos

Série Kepler, Livro 1

Kepler

Três sóis, dois povos

Rodrigo Paulino

2ª edição

2020

Copyright © by Rodrigo Paulino.
Todos os direitos reservados.
ISBN: 9786500007053

À minha esposa Aline, que sempre me apoiou, insistindo frequentemente para que eu tomasse o passo à frente de transformar uma simples ideia numa obra.

E ao meu amigo e xará Rodrigo José, sempre solícito, me ajudando com revisões ortográficas e gramaticais, além de me desafiar constantemente a melhorar.

Capítulo 01

Kukara

A jovem Kukara e seu irmão Woloru, escondidos atrás de arbustos, assistiam a uma cena estranha ocorrendo dentro da clareira sagrada.

– O que está acontecendo ali, Kukara? – seu irmão perguntou.

– Shhhh! – Kukara fez um gesto para que seu irmão ficasse quieto.

Uma grande ave branca sem asas pousou no meio da relva da clareira sagrada. Sua cauda era avermelhada e fluía como água, mas, quando completou o pouso, essa cauda estranhamente desapareceu, ou foi recolhida.

Essa ave é gigante, calculou Kukara. Quase do tamanho das árvores.

Em seguida, de dentro da ave, saíram vários filhotes de um olho só e revestidos por uma pele branca estranha. De longe, esses filhotes pareciam vermes e em nada se pareciam com a mãe.

– Não deveríamos ir embora, Kukara? – perguntou Woloru, tenso.

Kukara e Woloru, seu irmão mais novo, estavam coletando frutas na floresta quando a enorme ave pousou com um barulho estridente, quase ensurdecedor. Curiosos, ambos ficaram a observar aqueles filhotes que, ao contrário dos animais que conheciam e do fato de serem similares a vermes, pareciam muito ágeis. Iam e voltavam de dentro do ventre da mãe trazendo para fora coisas desconhecidas.

– Deixa de ser medroso – Kukara balançou a cabeça negativamente, encarando seu irmão com um olhar de decepção.

A garota estava fascinada por ver o nascimento daqueles filhotes. Diferentemente do medroso do seu irmão Woloru, Kukara estava extremamente empolgada. Era muito comum para ela sair para locais inexplorados e caçar animais muito mais amedrontadores do que aquela ave bizarra.

Além disso, eles não me parecem perigosos.

– Eu que não vou ficar aqui – apavorado, o garoto saiu correndo por entre as árvores.

Kukara o ignorou e continuou a assistir o acontecimento que mudaria completamente sua vida.

Bruno

A nave Hope 47 pousou com sucesso no exoplaneta Kepler-4235Ab, conhecido vulgarmente apenas como "Kepler", e Bruno Olsen, junto com seus companheiros de missão, auxiliava na retirada de equipamentos para montagem do abrigo.

– São vermelhos! – exclamou Bruno com um enorme brilho nos olhos quando se aproximou da comporta de saída da nave e se deparou com três sóis no horizonte.

Kepler era lindamente circundado por três estrelas anãs vermelhas, Kepler-4235A, B e C, que deixavam o ambiente com um tom de iluminação alaranjado, bem diferente do que era visto na Terra. A estrela "A" tinha quase três vezes o tamanho da "B" e "C", e Bruno se perguntava como elas apareceriam no céu daqui a uns meses, quando o planeta estaria noutro ponto do movimento de translação.

– Para de enrolar, Bruno! – protestou Alonzo Sosa, empurrando o colega – E vê se ajuda na montagem do equipamento.

– Ok – respondeu Bruno, aborrecido.

A empolgação de Bruno tinha motivo: tudo aquilo era novidade para o cadete recém-promovido à equipe de exploração. A vegetação, apesar de claramente vívida, com aquela iluminação parecia estar sob o clima de outono. Quanto à fauna, Bruno só a conhecia através da documentação que seus superiores forneceram, o que não era muito.

– É pra agora, Bruno! – gritou Alonzo através do comunicador ao ver a falta de mobilidade do colega.

Bruno acenou de volta e voltou ao trabalho. Definitivamente não gostava de Alonzo, que, na sua opinião, era um porre que se achava “o chefe”. Não tinha tanta influência, mas achava que poderia agradar à capitã Jana Petrescu agindo como um extremo puxa-saco.

Retornando à rampa de acesso à nave para pegar material de revestimento para as paredes do abrigo, um barulho na vegetação chamou sua atenção.

... tem alguém ali?

Parou por alguns instantes observando a floresta, mas nada além daquilo aconteceu.

– Deve ter sido o vento – deduziu, continuando a subir a rampa.

Kukara

Essa foi por pouco, Kukara suspirou de alívio. Woloru é um idiota!

Seu irmão fez muito barulho ao sair correndo com suas asas meio-abertas. Graças a essa atitude impensada de Woloru, Kukara quase foi descoberta por um dos filhotes. Ela colocou sua garra no peito: seu coração batia forte, seus braços e pernas tremiam pela adrenalina e as penas de suas asas e cabeça estavam ouriçadas.

Estão montando um ninho, ao que parece, pensou Kukara ao ver os filhotes fincarem varetas no chão e colocarem uma camada de pele por cima, formando uma espécie de tenda.

Ainda assistindo ao espetáculo, notou que do ventre da grande ave saía algo grande que se assemelhava a um ovo, maior que quatro ou cinco daqueles filhotes. O curioso para Kukara era que o ovo branco tinha patas negras e saía de dentro do ventre materno por conta própria.

Uau! O que será que tem dentro desse ovo?

De repente, uma forte garra segurou o braço de Kukara com firmeza. O coração da garota quase saiu pela boca com o susto.

– O que está fazendo aqui? – o sujeito rosnou com sua voz grave.

A voz era uma velha conhecida de Kukara. Ao virar-se, deparou-se com um enorme sujeito, com os braços cruzados sobre o tórax e olhar de poucos amigos. Atrás de suas asas estava Woloru, se escondendo como o covarde que era.

– Oi, pai... – encabulada, Kukara cumprimentou Tanoru com um aceno e um sorriso de constrangimento.

– Venha. Agora – Tanoru grunhiu enquanto puxava ferozmente sua filha.

Levada contra a vontade, Kukara se virou para trás para um último vislumbre antes que os três erguessem voo para retornar para casa.

TRÊS SÓIS, DOIS POVOS

Um vislumbre suficiente para contar cerca de trinta filhotes que nasceram naquele momento.

Capítulo 02

Bruno

Depois de cerca de duas horas, o grupo de astronautas finalizou a construção do abrigo. Bruno fixou a última parede da cápsula de entrada, e ergueu os braços em comemoração.

– Terminamos! – gritou a plenos pulmões.

– Não grite, moleque! – Alonzo repreendeu Bruno e o fuzilou com um olhar desaprovador.

Todavia, o jovem astronauta não parecia ter ouvido o colega veterano. De tão satisfeito, havia até se esquecido de que Alonzo estava justo ao seu lado.

Não somente Bruno, mas seus colegas pararam para admirar a construção. Ela tinha o formato de várias semiesferas, umas maiores,

outras menores, ocupando o espaço de uns quatro campos de futebol. O abrigo era em boa parte composto por paredes internas e fuselagem da própria nave, escolha proposital para reduzir o peso do foguete.

Afinal de contas, a missão em Kepler é uma viagem sem volta.

Em seguida, uma grande esfera foi inflada para cobrir todo o alojamento, algo necessário para proteger os exploradores dos constantes raios solares dos três sóis – devido a um fenômeno chamado "acoplamento de maré", Kepler não tinha movimento de rotação. Logo, não existia "noite" naquele planeta. Finalmente, a cápsula de entrada foi posicionada, a que Bruno havia terminado de montar poucos instantes atrás, essencial para despressurização e higienização antes de adentrar o abrigo.

Hora de estudar Kepler, Bruno pensou, empolgado, enquanto se dirigia para a área dos dormitórios.

Ao contrário dos demais tripulantes da nave, ele era um tremendo nerd espacial, estudando frequentemente a fauna e flora não só do novo planeta de moradia, mas também de outros que a humanidade tentou colonizar no passado – alguns sem sucesso, como o caso de Marte.

– Para onde pensa que está indo, Olsen?

Bruno olhou para trás. Sua capitã, Jana Petrescu, o encarava do lado de fora da cápsula de entrada.

– Estou me dirigindo ao meu dormitório para prosseguir com os estudos da fauna e flora locais, capitã – Bruno relatou, batendo continência.

– ... acho que você precisa sair para cá se quiser se reportar direito, cadete.

Constrangido, Bruno obedeceu. Porém, a capitã Petrescu não parecia estar enojada.

– Eu estava...

– Eu escutei, cadete. Não precisa se repetir. Mas tenho outra tarefa para você.

Bruno assentiu com a cabeça. Petrescu prosseguiu.

– Prepare o drone – ordenou, apontando para a floresta que se estendia além da vista – Precisamos que você explore as formas de vida locais, além de fontes de água.

Aquilo abriu ainda mais o sorriso no rosto do astronauta: mais do que estudar livros e documentos, o drone permitiria observar ao vivo o que ocorria em Kepler. E a exploração geológica tendia a ser livre, o que era ainda mais desafiador.

– Beleza, capitã Petrescu! – Bruno, animado como se tivesse visto o Papai Noel, a respondeu informalmente, o que quebrava o protocolo, e correu para dentro do abrigo para preparar o aparelho.

Jana

Parece uma criança, a capitã Jana Petrescu pensou ao ver o estabanado comandado, tropeçando nas próprias pernas, correr às pressas para dentro do abrigo.

– Tem certeza? – perguntou Alonzo, que se aproximou carregando algumas mudas – Ele é pior que um novato. É um novato que empurraram goela abaixo na gente.

De fato, Bruno Olsen não tinha a menor condição de participar daquela empreitada. No entanto, além de serem obrigados a terem um biólogo naquela missão, ainda haviam sido ordens superiores do diretor da NASA, convenientemente o tio de Olsen.

Não espero muito dele, então eu talvez simplesmente deva designá-lo para tarefas inúteis.

Apesar da vontade de expor o que pensava para todos, Petrescu não o fez e caminhou na direção do seu veículo flutuante, um *hover*, deixando Alonzo a reclamar sozinho.

Kukara

A refeição dentro da gruta onde Kukara e sua família morava estava sob um clima azedo, principalmente após a chegada da ave gigante.

– Eles podem ser perigosos – Tanoru grunhiu enquanto devorava uma *dakawati* vorazmente encostado em uma das paredes da gruta – Não quero ninguém chegando perto daquelas criaturas.

Kukara não retrucou. No entanto, estava tão aborrecida com a proibição que nem mesmo aquela apetitosa fruta amarelo-esverdeada, redonda e que mal cabia em suas duas garras parecia lhe interessar.

– Eles são muito esquisitos – Woloru falou, temeroso – O que será que eles comem?

– Devem comer moleques – Kukara zombou – De preferência medrosos que nem você.

– Eu... eu... não sou medroso! – batendo as garras no chão, Woloru rugiu, exibindo as presas.

– Calados!

O grunhido ameaçador vindo de fora da gruta fez com que a discussão parasse imediatamente. Adentrando o recinto, as enormes e belas asas escondiam um rosto com expressão severa, dignos da fêmea dominante do grupo.

– Oi, mãe... – timidamente, Woloru cumprimentou.

– Olá, Galara – Tanoru recepcionou a fêmea, oferecendo a mais bonita *dakawati* da pilha de frutas.

A fêmea com um breve aceno. Com um olhar inexpressivo, começou a falar.

– Vim da reunião com as dominantes dos outros grupos – relatou.

Tanoru a encarou com atenção. Parecia ansioso por uma resposta, que Kukara já tinha uma ideia do que seria: seu pai provavelmente queria eliminar as criaturas da clareira sagrada.

– O que vocês decidiram?

– Foi uma decisão unânime. Optamos por deixar os “vermes brancos” por lá. Porém, ninguém deve se aproximar do ninho deles sob hipótese alguma.

Tanoru não parecia concordar, enquanto Woloru parecia boquiaberto com a decisão. Kukara, no entanto, apenas espiava a potencial discussão torcendo para que acabasse logo e ela pudesse sair da gruta para... bem, qualquer outro lugar que não fosse ali.

– E se forem venenosos? – Tanoru questionou, contrariado – Ou agressivos? Deveríamos destruir o ninho deles antes que eles façam alguma coisa com a gente.

– Tudo isso não passa de “se” – tenazmente, Galara retrucou – Precisamos conhecer os invasores primeiro antes de pensar mais com as garras do que com a cabeça.

– Mas...

– Não ouse me questionar, Tanoru. Você já deveria saber quem manda aqui.

Ainda um tanto inconformado, Tanoru se calou. Galara, todavia, tinha mais a falar.

– Mudando de assunto, a carne de *bogaki* acabou. Tanoru, forme um grupo para caçar mais.

– ... sim, senhora – Tanoru se levantou, caminhando rumo à saída da gruta.

Com um fitar, Tanoru convocou seus filhotes. Kukara, que adorava caçar aquele inseto esbranquiçado que tinha quase o tamanho do seu braço, não se queixou. Todavia, Woloru ficou parado no seu canto, comendo.

– Vai ficar aí, medroso? – Kukara provocou.

– Eu... não... – Woloru balbuciou.

O medo que ele tinha de *bogakis* e outros bichos era conhecido por todo o grupo e mais além. Seu pai havia tentado ensinar o garoto a

caçar, sem sucesso. Kukara, com menos paciência, já havia desistido após a primeira e única tentativa. Galara balançou a cabeça negativamente, em clara desaprovação, mas seu filhote sequer esboçou fingir coragem.

- ... vamos, Kukara – Tanoru convocou, dando um olhar fulminante contra Woloru.

Ambos não esperaram que Woloru mudasse de ideia e saíram, cada um com seu nível de interesse naquela caçada.

Assim que der, eu escapo, Kukara planejou. Os vermes brancos são muito mais interessantes.